

O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, afirmou ontem que os relatórios do Brasil e da Venezuela estão chegando à mesma conclusão sobre as mortes do piloto José Xavier de Mendonça e do garimpeiro Moisés Ferreira: o avião foi abatido pela Guarda Venezuelana e ambos foram assassinados. Ressaltando sempre que os dados ainda não são conclusivos, Rezek disse que o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Peres — com quem se reuniu ontem de manhã, em Caracas — assegurou-lhe que “os

responsáveis pelo episódio serão punidos, pois o governo venezuelano vai apurar isso até o fim”.  
O governo brasileiro receberá hoje novos relatórios sobre o incidente, além dos filmes e fitas realizados durante a autópsia dos corpos na Venezuela. Para o Rezek, o problema dos garimpeiros brasileiros na fronteira venezuelana não é apenas policial, mas “diplomático, com aspectos policiais, e precisa ser resolvido conjuntamente entre os dois países”. Já o ministro das Relações Exteriores venezuela-

## Garimpeiros foram assassinados, admite Venezuela.

O presidente Carlos Andrés Peres prometeu ontem ao chanceler Francisco Rezek que os responsáveis pelo episódio “serão punidos”.

no, Armando Duran Ache, minimizou o problema, tratando-o como mero caso policial. Duran entende, entretanto, que “a Venezuela e o Brasil precisam trabalhar em conjunto, porque este assunto afeta os dois países”.  
Francisco Rezek revelou que o governo brasileiro, particularmente o Ministério da Justiça, já está conversando com líderes dos garimpeiros com o objetivo de tentar encontrar uma solução sobre a presença deles na fronteira com a Venezuela. Um patulhamento conjunto na fronteira poderá ser realizado no fu-

turo, mas tudo dependerá de um acordo entre os dois países, para que não ocorram incidentes.  
Tentando se antecipar a essa hipótese, os ministros do Exército, general Carlos Tinoco, da Marinha, Mário Flores, e da Aeronáutica, Sócrates Monteiro, reuniram-se quarta-feira passada para tentar traçar uma estratégia de desocupação da área. A reunião não foi conclusiva e apenas pensou-se nos meios e pistas de pouso que poderiam ser usados para a retirada dos garimpeiros.  
Tânia Monteiro e Elza Pires/AE

# INVASORES DESDE A DÉCADA DE 40

São os garimpeiros que, atraídos pelo ouro, ignoram a fronteira com a Venezuela.

— VALDIR SANCHES  
O sul da Venezuela não pode viver sem os garimpeiros brasileiros. Foram eles que, na década de 40, entraram pelo norte de Roraima, abriram os primeiros garimpos, extraíram fortunas em diamantes, criaram empregos indiretos — tornaram-se, assim, responsáveis pelo desenvolvimento da região. Não foram como clandestinos; muitos levavam passaporte, com visto de entrada. Avançaram a partir de Boa Vista, capital de Roraima, vindo do lavrado — a planície de savanas que recobre o norte do Estado e se estende Venezuela adentro.

Só quase meio século depois, na década de oitenta, um outro tipo de garimpeiro — o de floresta — penetrou em território venezuelano pelo oeste de Roraima. Alguns anos antes, tinham sido expulsos dos garimpos de cassiterita de Rondônia; agora, eram enxotados das reservas dos índios ianomamis. Esses grupos invasores levavam atrás de si levas de migrantes sem tradição garimpeira, originários de outros pontos do País. Juntos, somavam perto de 30 mil homens. Atravessavam com a cumplicidade da floresta fechada uma incerta linha de fronteira estabelecida em 1859 e logo depois esquecida.

São, portanto, duas histórias — duas odisséias — diferentes. Os garimpeiros da savana somam hoje 12 mil, pelos cálculos de José Altino Machado, criador e agora delegado nacional de uma união de sindicatos da classe, a Usagal. Números oficiais do governo venezuelano, levantados pelo deputado roraimense Edio Vieira Lopes (PDS), dizem que no ano passado esses brasileiros extraíram quinze das 18,3 toneladas de ouro produzidas no país; e 70% dos 5,6 milhões de quilates de diamantes.

Por ano, produzem US\$ 500 milhões anuais em divisas. “Toda a economia interiorizada em áreas como Estado de Bolívar e Puerto Ayacucho, no Sul, advém dos melhores profissionais da garimpagem que deixaram o Brasil”, diz o deputado, relator de uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a prisão de brasileiros no país vizinho.

Os garimpeiros de floresta tiveram menos sorte. O sonho das riquezas do Surucucu, região montanhosa da fronteira do Oeste, espalhou-os por uma área ainda mais extensa, a Serra do Parima. Durante quatro anos, até 1990, eles extraíram dali uma fábula em ouro (12 toneladas, em 1988), desencadearam uma das maiores corridas do ouro do País e transformaram Boa Vista em um novo Eldorado. Só havia um pecado: estavam na área dos ianomamis.

O presidente Fernando Collor — em quem haviam votado maciçamente, por achar que Lula, ligado à Igreja, protegeria os índios — expulsou-os da reserva dos ianomamis e destruiu as pistas de avião abertas ali. E também extinguiu três áreas garimpeiras na região, criadas no fim do governo Sarney. Os garimpeiros vislumbraram um novo caminho: passaram à Venezuela. E os incidentes na fronteira começaram. “A partir de então iniciou-se a operação pingue-pongue”, diz José Altino. “A Polícia Federal dá uma raquetada, a bola vai para o lado de lá. A Guarda Nacional dá outra raquetada, a bola volta para cá”.

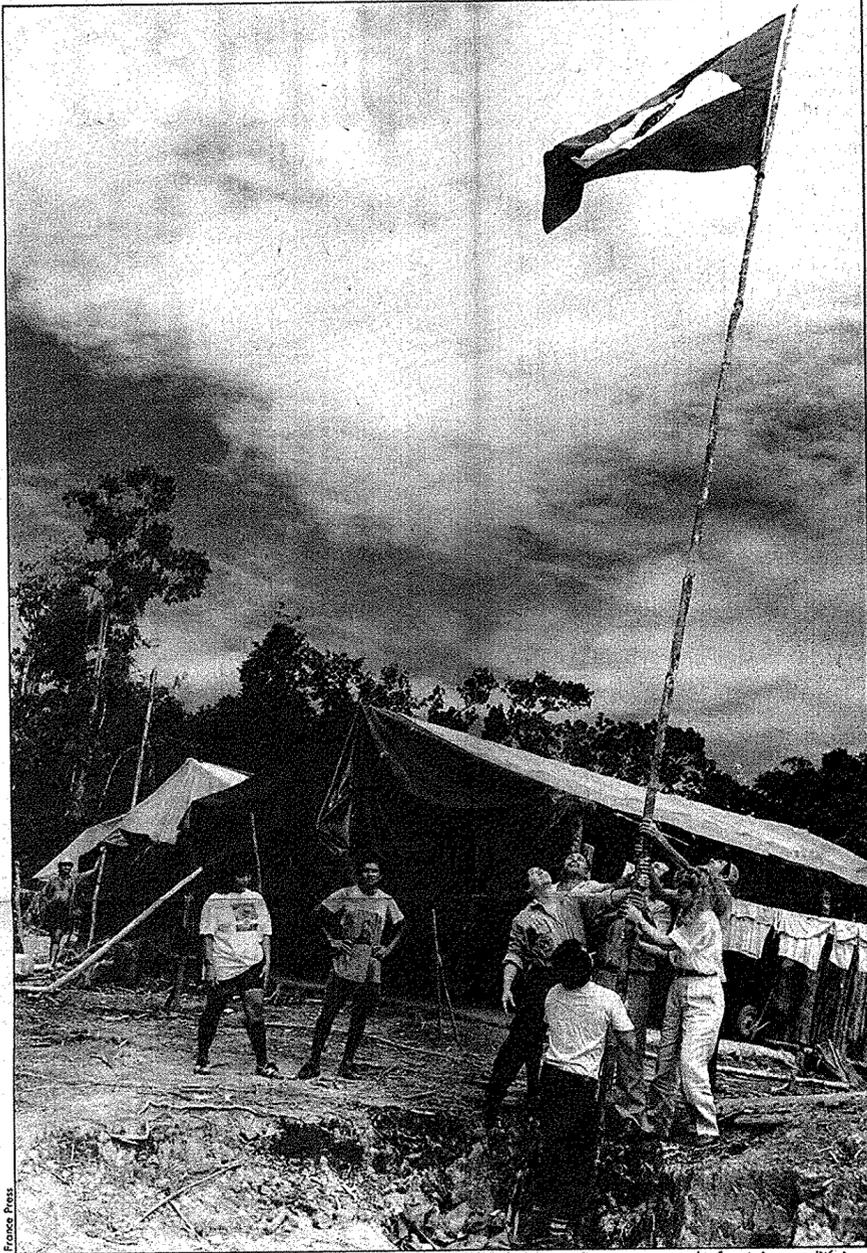
Os incidentes nessa fronteira repercutem entre os garimpeiros da savana. Nos dias de hoje, já muitos poucos destes usam passaporte. Chegam a 80%, pelos cálculos de José Altino, os que estão em situação irregular. “Quando acontece qualquer incidente na fronteira indefinida (oeste de Roraima), a Guarda Nacional prende brasileiros na fronteira definida (norte do Estado) para pressionar o governo brasileiro”, diz Altino.

Em 1990, um deputado venezuelano apresentou, ao Congresso Nacional, um projeto garantindo exclusividade a cidadãos do país na exploração do subsolo. Os políticos do Sul reagiram: mostraram aos congressistas que apenas uma pequena porcentagem dos garimpeiros do sul é de venezuelanos. Altino vai mais longe: diz que simplesmente não há venezuelanos garimpando. “Os empregos indiretos, que mobilizam 4,2 pessoas para cada garimpeiro, é que estão todos nas mãos deles. De alimentos, aviões e motores a prostitutas, dominam tudo. Mas pegar no pesadão da garimpagem, não pegam”.

### Fronteira incerta

Na fronteira de Oeste, na floresta, não há nada disso. Os precários acampamentos dos garimpos brasileiros são abastecidos desde Boa Vista, por avião. Os sacos de náilon com alimentos são jogados do céu. As cozinheiras ganham em ouro para servir na mesa e muitas vezes na cama. “A gente sabe que corre perigo. A Guarda Nacional pode aparecer de surpresa”, diz Olarico Ferreira Costa, 34 anos, três filhos, que socorreu os ocupantes do avião derrubado dia 16 pela Guarda Nacional.

Se é perigoso, por que vão para lá? “Eu estava parado desde o ano passado, quando a área dos ianomamis foi fechada. A gente vive de garimpo. A área dos índios foi fechada, todo mundo correu para a fronteira”. Um tratado entre os dois países definiu a fronteira em 1859. O limite era o divisor de águas. Os rios que corresse para a bacia do rio Orinoco indicariam território venezuelano; os que fluissem para a calha do rio Amazonas apontariam território brasileiro. O traçado oficial existia, mas ninguém se importou muito com aquele fim de mundo insólito. Nos anos recentes, quando a cassiterita e o ouro trouxeram os garimpeiros, e o tesouro passou a ser retirado do subsolo, a questão das fronteiras aflorou junto. E descobriu-se que, naquele ponto, o Brasil dos mapas verde-amarelos avança pelo em-



Deputados de Roraima firaram a bandeira brasileira na pista São Benedito, um ponto da fronteira em litígio.

território venezuelano, se comparado com o traçado de 1859. Os dois governos estão trabalhando, agora, na delimitação definitiva. Entre os garimpeiros, o sentimento é de que o novo traçado ignore o divisor de águas e considere o “território ocupado”. No lado venezuelano, não faltam alertas, pelos jornais, contra o “expansionismo brasileiro”. Da parte de Olarico garimpeiro é apenas uma questão de sobrevivência. “Se o governo não liberar uma área para o pessoal, vai aumentar a invasão na área dos ianomamis”. Um empresário de Boa Vista, que comanda uma equipe na

Venezuela e duas nas terras ianomamis, tem o mesmo discurso. “Se as três áreas garimpeiras não tivessem sido fechadas, ninguém teria ido para território alheio”. O administrador regional da Funai em Boa Vista, Glênio da Costa, diz que as áreas indígenas existentes e cogitadas ocupariam 42% do território de Roraima.  
Com as invasões começaram os conflitos na fronteira Oeste. Em maio do ano passado, soldados do exército venezuelano tomaram de assalto duas pistas brasileiras, Novo Horizonte e São Benedito. “Eles estavam com a cara pintada e tinham

uma fita na cabeça, imitando o Rambo”, descreveu a mulher de um garimpeiro, Maria Rosa da Silva. Doze garimpeiros e quatro cozinheiras foram presos e julgados como subversivos e inocentados pela Justiça de Puerto Ayacucho.  
Durante o episódio, o deputado Edio Vieira Lopes e dois colegas desceram na pista São Benedito. Amarraram a ponta de um tronco de embaúba em bandeira nacional que haviam trazido. “Aqui é Brasil”, escreveram em uma parede. “A bandeira ainda está lá”, orgulha-se Edio. O clima de tensão também.

## OURO FAZ FORTUNA E ATRAI MISÉRIA

Nos anos da febre do ouro, o garimpeiro Zeca Preto ficou famoso em Boa Vista. “Comprei um carro novo de manhã; bateu ao meio-dia e comprei outro à tarde”, conta o presidente da Associação Comercial, Virgílio de Mello. O movimento do comércio aumentou 300%. Os depósitos dos bancos, 500%. A população dobrou.

O padrão ouro também trouxe problemas: causou uma forte inflação e liquidou com os já precários serviços de saúde, educação e segurança. Mas o fechamento dos garimpos reverteu o quadro. “Acabou com a euforia e o dinheiro do Estado”, diz o secretário adjunto de Planejamento Carlos Renato.

## “BRASA”: ELES PREFERIAM OS BRASILEIROS!

Com o viramundo às costas (um cipó com tiras, formando uma bolsa), Pedro de Oliveira Filho, o Brasa (foto), partiu pela primeira vez para a Venezuela em 1946. “Tirei passaporte e o consul aqui em Boa Vista deu o visto de entrada”.

O consul definia o número de viajantes. Brasa foi numa leva pela estrada que corta o lavrado, a planície de savanas varrida pelo vento cruviãna. Abriu os garimpos de diamantes, “o Faísca, o Salapátria”. “Os venezuelanos nos recebiam bem: ‘venga que tem diamante que rode’”. Nos seus 73 anos, Brasa diz que eles procuravam mais os brasileiros do que os próprios patriotas. “Tinham mais confiança”.  
Hoje Brasa comanda uma equipe na fronteira com a Guiana, no Leste. “Na Venezuela bagunçou muito. Entrou muita gente clandestina”.



A pista de São Benedito, tomada de assalto pelo exército venezuelano, fica do lado brasileiro, segundo os garimpeiros.